

A METODOLOGIA FRANCISCANA DE ENSINO COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZADO INTEGRAL

Vinícius de Oliveira Betim¹

Antônio Joaquim Pinto²

RESUMO

Atualmente, diversas invenções tecnológicas têm colocado em discussão a maneira de se educar. Há na maioria das escolas uma pedagogia cientificista e conteudista que forma alunos com valores positivistas e na qual cada pessoa deve disputar a atenção de outrem. Tais valores reduzem a vivência humana a um mero saber técnico-científico, no qual tudo pode ser encaixado em teorias e conteúdos teóricos e esquecem tudo o que for subjetivo. Instaure-se dessa forma uma crise tanto do estudo como da formação humana como um todo. Diante de tal cenário, o modo franciscano apresenta uma pedagogia que não apresenta um estudo de livros e títulos, mas se baseia sobretudo na vivência particular e busca da Integralidade da pessoa humana. Utilizando-se dos Escritos do próprio São Francisco apresenta-se em um primeiro momento o modo franciscano de ensino. Logo em seguida a visão de franciscanólogos colaboram para a sustentação de tal pensamento. Por fim, cada parte é atualizada com a contribuição de Frei Hermógenes Harada, OFM. Assim, o presente trabalho busca apresentar uma alternativa para tal crise em que está inserida a educação hodierna mostrando a pedagogia franciscana com seus valores que buscam não só a transmissão de conteúdos, mas a formação integral da pessoa humana.

Palavras-chave: Ensino. Franciscanismo. Integralidade. Cientificismo. Pedagogia.

¹ Frade Menor da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. Aluno do 6 período do curso de Filosofia pelo Instituto de Filosofia São Boaventura da FAE Centro Universitário. *E-mail*: freiviniciusbetim@franciscanos.org.br

² Orientador da pesquisa. Frade Menor da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universitas Antonianum. Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia São Boaventura, com licenciatura plena conferida pela Universidade São Francisco. Graduado em Teologia pelo Instituto Teológico Franciscano. Diretor do Instituto de Filosofia São Boaventura da FAE Centro Universitário. Leciona as disciplinas de Antropologia Filosófica; História da Filosofia Moderna I; Filosofia da Arte; Filosofia da Religião; Ética; Ética Aplicada e Teoria do Conhecimento. *E-mail*: antonio.pinto@bomjesus.br

INTRODUÇÃO

O contexto pedagógico atual passa por uma crise frente ao recente surgimento de novas tecnologias. Muitos professores têm se questionado atualmente sobre o seu próprio papel de ensinar e qual o futuro da escola, uma vez que se tem todo o conhecimento obtido até então em algo que você pode acessar de qualquer lugar e levá-lo para todos os lados em seu bolso.

O educador deve se adaptar e criar meios de estar inserido nesta proposta dinâmica de ensino, pois frei Agostinho afirma que “toda época histórica teve a ‘sua paidéia’, isto é, um quadro global de inteligibilidade do mundo, uma perspectiva compartilhada sobre realidade e tempo, e, ao mesmo tempo, uma ideia de pessoa humana a formar e como formar” (PICCOLO, 2005, p. 22). Desse modo, é de suma importância entender um pouco mais sobre a realidade em que se está inserido para que se saiba que papel desempenhar como educador.

“Claramente, encontramos-nos hoje novamente em uma crise, em uma transição crítica, pela qual uma outra revolução, a saber, a revolução digital, parece ser responsável” (HAN, 2018, p. 26). Byung-Chul Han trabalha a ideia de enxame, o qual é formado por pessoas sem capacidade de alteridade, de união, e que, em uma constante luta de egos, emitem seus barulhos próprios em busca da atenção de outrem. Soma-se a isso uma revolução tecnológica que viabiliza, um universo de possibilidades de relação e informação, mas também no qual cada um pode fechar-se na sua bolha com algoritmos que fornecem apenas aquilo que agrada a pessoa, e assim, “a erosão do comunitário torna um agir comum cada vez mais improvável” (HAN, 2018, p. 33). Todavia, o cenário atual é fruto de um longo processo e que não se instalou da noite para o dia.

Quando o positivismo se torna muito presente na Europa, por volta de 1870, o que se entende por conhecimento começa a ser alterado. Apenas a visão técnico-científica é levada em consideração. “Neste contexto, [...] não pode encarar o Real sem antes encarar as ciências exatas. Deixa, pois, de reger-se exclusivamente pela Realidade, que é seu tema, e toma, em certo grau, orientação das ciências” (GASSET, 2019, p. 345).

O estudo passa a ser moldado de acordo com a visão positivista do conhecimento. “Há faculdades, onde o lado virado para a profundidade [...] é completamente excluído do estudo como um saber obsoleto, ultrapassado, por não corresponder ao modo da positividade das ciências” (HARADA, 2009b, p. 22). Muito se perde nessa visão positivista de conhecimento. A vida e a figura humana vão sendo encaixotadas em matérias escolares que pretendem explicar toda a realidade à maneira de fazer ciência. Para tanto, o viver deve ser moldado como aponta frei Orlando:

“Desde Michel Foucault a disseminação de instituições e ideias, especialmente na era industrial, pôde ser percebida como um espraiamento de normas e hábitos por meio dos quais a cultura contemporânea tornou-se, também, um acúmulo de formas de disciplina e trancamento da individualidade e da espontaneidade” (BERNARDI, 2003, p. 6)

Tal fato se dá principalmente pelo modo que se busca manter o poder. Com essa grande expressão das ciências no positivismo, todo o saber se concentrou no modo de fazer científico. Tudo aquilo que não se adequasse a tal visão era descartado ou tomado como inferior. Quanto a tal realidade, diz Harada:

Isso principalmente porque a formação intelectual é entendida hoje como saber a serviço do agenciamento da certeza do autoasseguramento do poder: saber é poder. Saber é autoasseguramento do poder, no sentido do projeto da interpelação produtiva, onde saber significa obter o máximo de informação acerca de tudo para poder organizar, controlar, prever, racionalizar e funcionalizar, em vista do total domínio da realidade. Com isso, busca-se eliminar todo e qualquer imprevisto e falha nesse domínio, projetado, controlado e funcionalizado como prolongamento de nós mesmos. (HARADA, 2009b, p. 55)

Não é positivo para a ciência não saber algo. Não poder prever algo significa que ela não é completa, uma vez que seu objetivo é compreender a realidade de forma integral a partir do método técnico-científico e assim dominá-la. Frei Hermógenes ainda acrescenta:

A partir dessa maneira materialista de considerar o trabalho intelectual, este somente tem sentido e realidade quando está em função de uma realidade físico-material e sensivelmente verificável. Assim, mesmo lá onde se reconhece seu valor, o trabalho intelectual é instrumentalizado, funcionalizado dentro de uma ideologia utilitarista e pragmaticista, em vista de um outro trabalho com as características do verificável, concreto material, do sensível. (HARADA, 2009b, p. 43)

Como é triste ver todo esse horizonte de possibilidades que é a vida ser reduzido àquilo que se pode prever por experimentos. Toda a possibilidade de vir-a-ser a cada instante algo completamente novo deve ser vista por espectros mecânicos que bitolam tudo o que existe naquilo que se pode dizer o que é e será com certeza. Contudo, deve-se lembrar uma coisa:

entende por científico aquele modo de comportamento que costumamos chamar de “cientificista”, no qual, sob a pretensão de cientificidade e objetividade científica, elimina como não científico, não verdadeiro, tudo que não corresponde ao tipo de cientificidade do estilo de ciências positivas naturais, advogando assim, anacronicamente [...] o ideal do positivismo racionalista e iluminista ingênuo, e do secularismo bitolado. (HARADA, 2009b, p. 33)

Sendo assim, não é todo o saber que reduz a realidade como foi supracitado. É o saber positivista técnico que tem essa pretensão. Esse artigo não é, portanto, uma crítica total ao modo de conhecer, mas apenas ao conhecer utilitarista que está a serviço de interesses particularistas e da manutenção de poder. Ortega alerta que:

estas atividades intelectuais, apesar de todas as suas vantagens, têm, como conhecimento, uma séria deficiência. Os problemas que buscam conhecer são, de fato, apenas problemas relativos. Não são problemas radicais, indômitos, ou seja, os problemas absolutos que, quer queira ou não, recaem sobre o homem. As ciências aceitam apenas os problemas do que se sabe de antemão, que pelo menos em princípio são solúveis. São, em suma, problemas previamente castrados. (GASSET, 2019, p. 346)

Como se pode perceber, o ser humano não é mais formado para sua integralidade, mas para vivências que antes mesmo de acontecerem já foram previstas e avaliadas por um saber técnico. Isso incomoda quando se dá conta que a vida vai além de conceitualismos e legalismos. Hermógenes afirma que:

Nós, hodiernos, podemos ainda sentir no profundo do nosso ser, situados e inseridos na dinâmica da interpelação produtiva da época científico-tecnológica, a perplexidade de não nos assentarmos na nossa terra natal, na essência do ser de nós mesmos. (HARADA, 2003, p. 13)

Impelidos por essa nostalgia de uma terra natal na qual se vive de fato a realidade como conhecimento, como experiência, como vida, muitos buscam uma nova forma de ensino, mas como? Harada aponta um caminho:

[Falamos, então,] que é necessário repensar e reformular a educação. Acho também que isso é necessário, mas não no sentido como eles estão pensando. [...] Se há a necessidade de reforma aqui, é no sentido de fazermos o pouco que podemos com maior empenho e fidelidade, sem essa onipotência [...] de querer atingir todo o mundo. (HARADA, 2009a, p. 140)

A vida simples e bem vivida já é um aprendizado. Não se deve tentar manter poderes e conceitos que impedem alguém de viver de fato. Frei Agostinho apresenta:

Quando a humanidade tem suas crises, quando em certas épocas avança em conquistas, mas esquece do humano, nivelando por baixo seus valores, aí surge alguém para nos reconduzir à verdade de nós mesmos e nos ensinar novamente a ser capazes de fazer uma releitura da vida. Tanto para o período medieval quanto para a pós-modernidade levanta-se uma estrela guia: Francisco de Assis, fonte de inspiração para uma nova Pedagogia. (PICCOLO, 2005, p. 15)

Francisco de Assis. Eis uma figura que estudou e que cresceu no estudo empenhando-se em perfazer seu próprio ser, engajado no corpo a corpo da experiência

fática da vida, ou seja, na labuta e luta da vida real, do existir. Soube perceber que o estudo “livresco” (meramente acadêmico) consiste na alienação do estudo deixando o empenho de busca da verdade no interesse e no exercício concreto do existir. Francisco lutou para que esse modelo de estudo aprisionador fosse derrubado entre seus frades e apresentou esse estilo de vida, aponta Harada:

O termo estudo recebe o seu sentido todo próprio e concreto, a saber, do empenho essencial do perfazer-se humano e, ao mesmo tempo, do conhecimento e saber a ser adquiridos [...]. De imediato, por estudo e estudos costumamos entender conhecimento ou conhecimentos adquiridos. Mas logo percebemos que para sua aquisição o conhecimento ou os conhecimentos adquiridos pressupõem longo e grande trabalho de aplicação. [...] É, portanto, um trabalho, no qual o que se busca, a meta implica, diz respeito ao despertar, crescer e consumir-se no ser de quem se empenha, i.é, na sua identidade. (HARADA, 2009b, p. 11-12)

O presente artigo, portanto, apoiando-se na espiritualidade franciscana, buscará explicar, a modo de uma provocação para um futuro aprofundamento, um breve itinerário vivenciado pela figura de Francisco de Assis que, atualizado pelos frades, pode incentivar essa busca da metodologia franciscana de ensino como possibilidade de aprendizado integral. Frei Hermógenes ainda acrescenta:

E se examinarmos as fontes franciscanas e sua tradição, talvez descubramos que, desde Francisco até hoje, de uma forma mais ou menos explícita, os frades tentaram colocar esse modo [...] como o método único, comum a todos os níveis e todas as dimensões diversificadas da nossa formação franciscana, de tal modo que, independentemente de níveis de instrução, de talento ou de trabalho, todos sem exceção, no trabalho e na profissão que exerciam, deviam crescer no pulso desse modo de ser. (HARADA, 2009b, p. 48)

Ou seja, o texto que se segue relata a vivência e carisma franciscanos ao decorrer de cerca de 800 anos. Não devem ser tomados como manuais de conduta, muito menos como instruções fixadas. Muito pelo contrário. O que se busca no presente texto é apresentar a pedagogia franciscana que serve de incentivo para cada pessoa buscar trilhar o seu próprio caminho. Sendo apenas vislumbres, apontam para uma possibilidade ainda maior nesse novo horizonte que se desponta frente a infinidade de potências que se lhe apresentam.

Diante de tal cenário, apresentado na introdução, Francisco de Assis oferece um modo de vida que se baseia muito na ideia de aprendizado como a dinâmica da experiência e da existência, em que, no corpo a corpo das labutas e lutas, busca-se a referência ao próprio ser. O modo de educação franciscano não apresenta representações abstratas, de universal abstrato, nem regramento, no sentido meramente jurídico, mas

caminhos e dicas buscando a captação do essencial, da sua articulação de sentido para que aquele que abraçar o método franciscano possa ter uma luz em meio à escuridão.

Atendo-se aos escritos de Francisco, como se fará no decorrer deste breve estudo, observar-se-á que a vida do Santo foi uma espécie de itinerário formativo. Desta maneira, as atitudes, a visão cosmológica e as falas de Francisco se tornam um apontamento de estudo que, como afirma frei Agostinho:

Os textos dos Escritos mostram a convicção, que Francisco de Assis tem, de estar conduzindo, de estar propondo um caminho. [...] Para Francisco, o ser humano está sempre em formação. [...] É uma Pedagogia Iniciática, isto é, leva a conhecer, fazer, conviver e ser. Convoca o humano a existir para que ele se torne profundamente humano. [...] Uma Pedagogia Iniciática mostra um caminho, identifica para a pessoa a sua tendência e a lança ao encontro de tudo o que puder ser como algo mais, como maravilhoso, como fraterno. O iniciado passa por uma verdadeira transformação e jamais vai descansar nesta busca. (PICCOLO, 2005, p. 125-126)

Nos próximos parágrafos desse breve estudo, buscar-se-á apresentar o itinerário proposto por Francisco segundo os próprios Escritos do Santo, apoiando-se posteriormente, em cada parte do percurso, na visão de franciscanólogos e por fim apresentando a visão hodierna de tal método pela contribuição do frade e filósofo frei Hermógenes Harada, OFM.

1 NÃO FAZER DO ESTUDO TÍTULOS E CONTEÚDOS

O primeiro passo para o supracitado caminho formativo elaborado por Francisco é compreender a maneira de se estudar. É muito comum ouvir hoje em dia, dos mais diversos estudantes, que a profissão escolhida por eles foi influenciada pelo salário que, em média, se recebe exercendo aquela devida função na sociedade, ou ainda, devido status que aquela função lhe ofereceria. Este é um primeiro sinal de desvirtuamento da caminhada.

Outra realidade muito palpável é a vanglória que muitos desejam receber por possuírem um título acadêmico. Um apego demasiado ao título que, caso não seja citado antes do seu nome, se tornará sinônimo de crise e revolta. Aparentemente, a pessoa humana, em toda a sua complexidade, se reduz ao título que ela possui.

Por fim, um terceiro ponto que deve ser ressaltado corresponde ao acúmulo de conteúdo. Lamentável ver pessoas que parecem enciclopédias ambulantes, que procuram a todo momento alguém que esteja disposto a ouvir sua enxurrada de termos técnicos e palavras decoradas. Contudo, mais triste ainda é perceber que tudo

aquilo que ela decora são opiniões descoladas da realidade da vida, pois no aspecto da concretude e do prático não se observa nada daquilo que sai de sua boca.

O primeiro passo, portanto, consiste na ressignificação do porquê estudar. Quanto a isso, o método franciscano apresenta um horizonte de possibilidades que devem ser analisadas e empregadas da melhor forma por aqueles que se dispuserem a trilhar tal caminho formativo.

1.1 VISÃO FRANCISCANA

Francisco de Assis foi alguém que foi iniciado nos estudos, mas pode-se perceber em seus Escritos, devido aos erros gramaticais no latim, que esse não era seu forte, muito menos seu objetivo primeiro. Para ele o mais importante é saber utilizar aquilo que se aprende para a vida cotidiana. Como colocado no primeiro ponto a respeito dos estudos, muitos estudantes hoje procuram o estudo de determinada profissão para ter bons salários e status. Quanto a isso, Francisco alerta seus irmãos dizendo:

Diz o apóstolo: A letra mata, o espírito, porém, vivifica (2Cor 3,6). “São mortos pela letra aqueles que somente desejam conhecer as palavras para serem considerados mais sábios entre os outros e poderem adquirir grandes riquezas, para dá-las aos parentes e amigos (Ad 7)³.

As admoestações de Francisco, segundo os historiadores, eram falas que Francisco fazia para seus confrades nos capítulos gerais da Ordem, ou seja, quando todos os frades se reuniam. Isso revela quanto apreço tinha o Santo sobre esta questão, a ponto de sempre alertar a todos os frades para que se atentassem a respeito de tal prática de vanglória.

A respeito da segunda constatação da atualidade, Francisco revela muito bem o seu ponto de vista. Para ele, não importava o título que a pessoa possuía, mas sim a maneira que ela se relacionaria com a forma tanto de aprender quanto a de lecionar. Sendo o estudo dos frades uma questão crescente na Ordem enquanto Francisco ainda estava vivo, ele alerta sobre tal aspecto principalmente na carta a Santo Antônio:

Eu, Frei Francisco, [desejo] saúde a Frei Antônio, meu bispo. Apraz-me que ensines a sagrada teologia aos irmãos, contanto que, nesse estudo, não extingas o espírito (cf. ITs 5,19) de oração e devoção, como está contido na Regra (Ant)⁴.

O título utilizado por Francisco a Antônio, meu bispo, não indica um grau episcopal de Antônio, mas podia ser chamado bispo todo aquele que era letrado e tinha a

³ FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 99

⁴ FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 107

autorização para a pregação. Portanto, há o reconhecimento do estudo⁵ sim, por parte de Francisco, entretanto isso não basta para que Antônio pudesse ensinar aos frades, esse nunca foi o foco. O foco foi sempre o “espírito de oração e devoção”.

Essa expressão utilizada indica justamente a forma de se relacionar requerida por Francisco. A oração e devoção implicam em algo que mude a vida, que corresponda a todo o ser humano em sua complexidade na vitalidade no corpo a corpo da elevação da mente para Deus. Como religioso medieval, o objetivo do Santo era falar das coisas referente à alma e à vida religiosa. Entretanto, pode-se ampliar tal perspectiva para o contexto hodierno. Da mesma forma que a oração e devoção, para o religioso, implica um salto completo no abismo da experiência de forma que aquilo que ele faz o atinja por inteiro, assim devem ser todas as coisas feitas por cada um que se propõe a trilhar esse caminho formativo.

Quanto ao terceiro ponto, Francisco, em uma de suas admoestações, repreende e aconselha os frades que muito facilmente se antecipam e se colocam a falar todos os tipos de conceitos e teorias para os demais que o cercam, não recolhendo nada para si e mudando sua caminhada. Francisco diz:

Bem-aventurado o servo que, quando fala, não manifesta todas as suas coisas em vista de recompensa e não é rápido para falar (cf. Pr 29,20; Tg 1,19), mas sabiamente vê antes o que deve falar e responder. Ai do religioso que não retém em seu coração (Lc 2,19.51) os bens que o Senhor lhe revela e não os mostra aos outros através do agir, mas, em vista de recompensa, preferem mostrá-los por palavras (Ad 21)⁶.

Percebe-se, dessa forma, que Francisco entende os estudos como uma realidade na qual, humildemente, o ser humano deve se lançar por completo de forma a transformar toda a sua identidade e sua vida colocando em prática, pelo operar, aquilo que aprendeu, e, somente depois, transmita aos que o cercam tal experiência.

1.2 OS FRANCISCANÓLOGOS

A realidade dos estudos acadêmicos esteve presente na Ordem desde o começo dela enquanto instituição. Atraídos pela nova forma de vida apresentada pelo Santo de Assis, vários letrados buscavam se afiliar a esse carisma. Mas foi sobretudo após a morte do Fundador que Ordem foi se clericalizando e a questão dos estudos acadêmicos foi sendo cada vez mais presente. Frei Orlando acrescenta:

⁵ O teólogo é chamado aqui de «episcopus». Episkopos em grego quer dizer alguém que tem uma visão a partir de cima. É aquele capaz de examinar a realidade desde o alto, no seu cume, e, por isso, pode ser guardião, custodio, protetor, das realizações.

⁶ FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p.102

A Legenda dos Três Companheiros (n.73) afirma que após a morte do santo muitos homens “sábios e letrados, leigos e clérigos prebendados” entraram em sua Ordem. [...] De fato, a expansão da Ordem se deu também entre os homens do saber. [...] Com isso se percebe que o interesse pelos estudos, entre os frades, esteve presente desde o início da Ordem. (BERNARDI, 2003, p. 25)

Vale a pena recordar que Francisco era favorável aos estudos e via o pedido da Igreja para que também os frades se juntassem aos pregadores no combate às heresias da época. Mesmo que esse não fosse o seu objetivo inicial, Francisco observa que era para isso que a Ordem se encaminhava. Aliás, por ver tal processo se tornando cada vez mais presente na Ordem é que Francisco exortava os irmãos a não perderem de vista o porquê do estudo e o “espírito de oração e devoção”.

São Boaventura, doutor da Igreja e considerado por alguns o segundo fundador da Ordem, em sua Legenda Maior, afirma que ao ser questionado sobre seu posicionamento a respeito do ingresso de letrados e doutores na Ordem, Francisco afirma:

Claro que me agrada, contanto que, a exemplo de Cristo, sobre quem se lê que mais rezou do que leu, não omitam o empenho da oração e não estudem somente para saber como devam falar, mas para que pratiquem as coisas ouvidas e, quando as tiverem praticado, as proponham aos outros para serem praticadas [por eles] (LM 11, 1)⁷.

Novamente, pode-se perceber a preocupação de Francisco em não se perder o “espírito de oração e devoção” para o qual todas as coisas devem ser ordenadas. Esse foi sempre o posicionamento de Francisco frente aos estudos e isso foi o que orientou sua vida, sendo o primeiro passo pelo qual se inicia o itinerário formativo e sem o qual nenhum estudo pode ser executado e dar frutos.

1.3 CONTRIBUIÇÃO DE FREI HERMÓGENES

Frei Hermógenes sempre foi muito envolvido com a questão dos estudos e seu pensamento muito se aproxima ao de Francisco. Para Harada, o estudo deveria ser como a dinâmica da experiência e em meio à existência, pois:

aquelas condições sob as quais Francisco permitiu os estudos na ordem, os conceitos como apostolado do exemplo, e a sua primazia sobre o apostolado da fala [...] são existenciais, i.é, como que lugares onde se encontram fatos, quais pequenos orifícios da chave de uma porta fechada, através dos quais, se pode vislumbrar toda uma paisagem da “realidade” abissal de uma nova

⁷ FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 620

ciência que nos introduz para dentro do coração de todas as coisas, cuja razão exige uma nova inteligência, um novo intelecto. (HARADA, 2009b, p. 193)

Dessa forma, se estabelece um novo modo de se entender os estudos, como foi apresentado. Diferentemente das pessoas que fazem do estudo uma ponte para alcançar os objetivos e honras particulares, aquele que pretende trilhar o itinerário formativo apresentado por Francisco tem que ter em mente que:

A importância do estudo acadêmico na vida [...] consiste em renovar nossa mente, nosso coração franciscano, fazendo renascer em nós o entusiasmo [...] não para buscar poder e honrarias pessoais, mas para se prepararem real e devidamente para o serviço de toda a humana criatura, nas fronteiras e nos lugares mais necessitados da humanidade. (HARADA, 2009b, p. 19-20)

O estudo, à vista disso, está a serviço da vida e não o contrário. Ele se apresenta como possibilidade de formação no objetivo de formar o ser humano de forma integral. Para tanto, deve haver também uma iniciativa da parte daquele que busca se formar. Não se pode esperar que tudo já venha dado, sem exigir um empenho. Pois, “o que fazer, porém, se não têm a mínima disposição de se abandonar, e ousar ver um modo de ser que questiona o pequeno eu da subjetividade?” (HARADA, 2009a, p. 105).

Um próximo passo se faz necessário: É preciso reconhecer-se pequeno diante do grande mistério que é a vida e que a possibilidade é muito maior do que a realidade que se é apresentada. Isso nenhum livro poderá fazer pela pessoa. Poderá sim incentivá-la a buscar tal reflexão, mas não poderá nunca tomar a forma de agente ativo no lugar do sujeito. Segundo Harada:

[Um dos problemas no ensino em nossos cursos teológicos e filosóficos de hoje é a indiferenciação e o abstracionismo] dos professores no que se refere à reflexão. Vivem um mundo conceptual cheio de compartimentos e de desdobramento dimensional sem buscar a unidade genética interior (HARADA, 2009a, p. 39).

E tal realidade acontece, pois:

Quanto mais se cresce na reflexão, tanto mais cresce também a dificuldade de acionar um curso de reflexão. Pois, [...] estão acostumados a ouvir, ler, se informar demais. Sobre as coisas do Espírito querem escutar muita exposição. Falta quase por completo a compreensão experimentada de que o espírito é antes a tonância, a capacidade de experimentar do que muito saber (HARADA, 2009a, p. 41).

Quando o “espírito de oração e devoção”, tão importante para Francisco, se torna um modelo explicativo que serve para dominar o real, morre no ser humano a

capacidade de se educar. Quando se aprisiona a realidade na linguagem técnico-formal da ciência e se presume saber tudo da realidade, acabou ali a beleza da vida em sua espera pelo inesperado, uma vez que tudo é encaixotado.

O objetivo de tal estudo é, dessa forma, alertar a todos aqueles que vivem tal realidade para que observem nesta outra pedagogia uma maneira de sair desta inércia mental, uma vez que:

Todas essas disciplinas filosóficas não devem permanecer no nível de uma informação enciclopedista, mas devem levar os estudantes à capacidade da busca real da verdade, à habilidade de pensar, de interpretar com profundidade a realidade transcendental. (HARADA, 2009b, p. 28)

Deve-se sempre ter em vista que o espírito de oração e devoção é o que guia essa empreitada. Esse primeiro passo é primordial na busca desse itinerário e jamais se deve esquecer que:

Francisco ensinava a procurar nos livros o testemunho de Deus, e não o valor verbal; a piedade, e não a beleza estética. Segundo Francisco, pois, a maneira, a mais frutuosa de ler e de aprender não é a de percorrer mil tratados, mas de ler pouco e de meditar muito, de ruminar com devoção. (HARADA, 2009b, p. 165)

Tal perspectiva deve guiar toda a forma de estudo. O saber só pode ser obtido enquanto o discurso for colocado à prova da realidade. O conteúdo deve ter aplicabilidade, caso contrário só será acúmulo. Assim o conteúdo deve ser visto:

Entendo o texto, assimilo o seu saber e posso aplicá-lo para a vida, para o fazer, pensar e vivenciar. No entanto, meus olhos abertos sobre o texto se abrem a partir de dentro de todo o mundo de saber que constituí o contexto da minha existência. Ler nesse sentido (ler → légere → légein: ajuntar, colher) é colher, acolher, ajuntar o texto ali presente diante de mim dentro do meu contexto da minha existência. (HARADA, 2009a, p. 56)

2 SABER OLHAR A VIDA COMO UM APRENDIZADO

Seguindo o itinerário apresentado por Francisco de Assis, o segundo passo que deve se dar é: observar a vida como um aprendizado. O estudo que não fica apenas em títulos e conteúdos decorados abre os olhos para a realidade que cerca o indivíduo para que ele possa aplicar em sua vida aquilo que aprendeu.

A vida, dessa maneira, é demasiada complexa para ser contida toda ela em livros e teorias. E nisto que consiste a beleza de se viver. Saber que a cada momento algo

inusitado acontece e que a espera pelo inesperado, a cada instante que se acolhe nessa facticidade da existência, não pode ser aprisionada.

Um mesmo fato, observado de ângulos diferentes e por pessoas com vivências diferentes, terá múltiplas interpretações. O conhecimento da vida está, desse modo, em observá-la e analisá-la para que assim se consiga melhorar a vivência baseada na dignidade, enquanto consistência do bem, ali reconhecidos.

2.1 VISÃO FRANCISCANA

Nesse aspecto, Francisco foi um mestre em aprender com a vida. Em seu testamento descreve toda a sua vida, fazendo a rememoração dos acontecimentos e reconhecendo neles a ação divina. Indo além da religiosidade, consiste em reconhecer os valores, enquanto virtudes, que lhe foram apresentados e que foram formando sua forma de vida até o momento da rememoração. Francisco inicia seu testamento assim:

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo; e, depois, demorei só um pouco e saí do mundo (Test 1-3)⁸.

Nesta passagem Francisco reconhece uma virtude que lhe foi apresentada e que ele soube abraçar por toda a sua vida. Soube olhar para trás e ver um ponto crucial, de decisão fundante de sua personalidade, e como aquilo foi importante para sua formação enquanto ser humano: reconhecer a dignidade humana.

Para alguns, um encontro como esse poderia muito bem ser mais um entre os tantos encontros que se tem ao longo da vida. Mas diante daquele encontro, Francisco reconhece e aprende a olhar sobre as linhas da realidade um chamado que ele recebeu naquele momento.

O Testamento inteiro está marcado por essa rememoração e leitura da realidade, mas destaca-se um segundo excerto: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho” (Test 14)⁹.

Observa-se que nenhuma pessoa de sua convivência humana fala a Francisco, como ele mesmo afirma. É apenas com a iniciativa de saber olhar a realidade que ele entende como se deve agir. É pelo “espírito de oração e devoção”, alcançado indo para além das letras, que se entende como se deve viver.

⁸ FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p.188

⁹ FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 189

2.2 OS FRANCISCANÓLOGOS

É sutil essa forma de ver e se portar. Ela se dá no dia a dia. No item anterior foi apenas citado o testamento, pois é o único texto do próprio Francisco que expressa, explicitamente, essa maneira de se comportar frente à realidade. Todavia, percebe-se por seus biógrafos que isso era costume para o Santo de Assis:

É essa permanente presença do humano que dá origem a gestos encantadores como o beijo do leproso e a manifestações surpreendentes e extraordinárias como aquela de obrigar a todos os irmãos a se levantarem no meio da noite para comerem com um frade que gritava estar morrendo de fome, para que o irmão não se envergonhasse em comer sozinho (LP 1; 2C 22: EP 27) (BERNARDI, 2003, p. 19).

Como apresentado no exemplo acima, Francisco poderia muito bem ter compreendido o irmão que passava fome durante o jejum, pedindo que ficasse quieto e voltasse a dormir, uma vez que a vida que ele havia assumido era uma vida de penitência e o jejum era parte integrante dela. Mas Francisco entende que aquilo não geraria frutos bons. Ele não fica apenas na regra do jejum. Entende que muito mais proveitoso para si, no sentido de virtude e formação humana, era quebrar a regra do jejum do que segui-la cegamente.

Saber entender a realidade e aplicar o conhecimento que se possui neste contexto apresentado significa sabedoria. Frei Orlando afirma que:

o segredo desse estilo pedagógico reside nessa imensa capacidade de perceber as necessidades dos irmãos e de socorrê-los da maneira mais sutil possível, a ponto de parecer normal seu modo de agir. Essa atitude o leva a comportar-se como uma mãe solícita e terna. Semelhante comportamento, no entanto, é fruto de uma contínua vigilância de seu próprio modo de agir. (BERNARDI, 2003, p. 21)

2.3 CONTRIBUIÇÃO DE FREI HERMÓGENES

Esse aspecto era o que guiava frei Hermógenes na sua perspectiva de ensino, para ele “é inter-ligante aquele que lê entre as linhas da realidade” (HARADA, 2009a, p. 28). Consiste muito mais em uma educação informal para a concretude do existir do que propriamente um saber alienado da existência e apenas conceitual. “Estudo aqui deve ser entendido na acepção do empenho de uma existência, i.é, como caminho, como a-viar-se num processo de busca do sentido do ser” (HARADA, 2009b, p. 120).

Essa busca de sentido não interessa às ciências, é um saber ontológico-vivencial, uma essência que se concretiza na facticidade. As ciências não conseguem alcançar essa realidade justamente por não ter forma de conteúdo. Sobre isto, Harada afirma:

Esse movimento de redução, na ausculta da possibilidade prejacente no horizonte de uma ciência, não tem conteúdo. Não constitui, portanto, conhecimento do tipo conteúdos e saber como o tem a parte exotérica das ciências. É movimento, dinâmica de penetração, sondagem, ausculta, é a dinâmica de precisão e sensibilidade no ler entre linhas, i.é, do intelecto. Por não ser um conteúdo, não está delimitado a um determinado saber ou conhecimento. (HARADA, 2009b, p. 90-91)

Caso se observe a vida como algo conteudista que deve ser estudado e que tudo se pode prever não se conseguirá atingir este segundo nível do itinerário. A vida toda ela é uma possibilidade, cada segundo é um aprender inteiramente novo:

Seus afazeres, compromissos, atitudes, os fatos da sua passagem no espaço e tempo do globo terrestre, seus ideais e projetos [...] trata-se de um modo de ser (humano) que advém ao homem e determina de modo próprio todo o seu viver, em todas as suas implicâncias, a ponto de aqui desaparecer toda e qualquer neutralidade indiferente e geral de uma consideração panorâmica, padronizante do ser-homem. O ser-homem aqui como existência se aperta na finitude da estreiteza do historiar-se de si mesmo, toda a possibilidade de ser se torna única. (HARADA, 2009c, p. 32)

E assim, apenas neste historiar-se a si mesmo se conseguirá ver a diferença nos eventos vividos. Quando se está vivendo o momento, dificilmente se consegue colher vários frutos dele, até porque algumas vezes a rotina faz com que sejam vividos de maneira automática. É preciso um esforço de voltar e analisar cada momento vivido para que, dessa forma, se consiga colher algo. Não é algo fácil, exige esforço, todavia:

Esse modo de ser de modo algum é “passivo”, no sentido de indiferença vazia. Ele é antes a plenitude da disponibilidade de receber, acolher, obedecer ao que nos vem ao encontro no inesperado. No inesperado do que ultrapassa todas as nossas possibilidades. Essa espera acolhedora da impossibilidade, que coloca todas as nossas possibilidades na disponibilidade dessa espera, é o modo de ser que podemos experimentar, talvez de um modo bastante apagado, mas autenticamente, quando temos que ler entre as linhas dos acontecimentos. (HARADA, 2009b, p. 58-59)

O movimento de rememoração caracteriza, assim, o segundo passo do itinerário. Uma rememoração em busca de detalhes que passam despercebidos, mas que depois de uma análise mais detalhada manifestam uma imensidão de oportunidades e valores que foram dispostos e que passam, muitas vezes, despercebidos.

3 O SER HUMANO INTEGRALIZADO

O terceiro e último ponto deste itinerário consiste em entender-se um com a realidade que está ao redor. A cosmovisão franciscana só é possível como fruto de um aprendizado integral, pois só conseguirá ver-se inserido totalmente no mundo quem não o quer entender a partir de fora.

Muitas vezes, a concepção positivista de ciência ainda se faz presente em certos ambientes, o que faz com que as ciências queiram entender o mundo, mas não como parte integrante nesse mundo, mas como observadores fora da realidade para analisá-la mais imparcialmente e com a maior neutralidade possível.

Como se pôde observar até o momento, o aprendizado humano se dá na vida e ela é parte fundamental nesse aprendizado, só se forma completamente quem passa pelo aspecto da realidade.

3.1 VISÃO FRANCISCANA

Francisco soube se formar tão bem nesse itinerário que ao final de sua vida pôde ver-se parte integrante da realidade a ponto de ser mais um em meio a todos os seres vivos:

Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória e a honra e toda benção (cf. Ap 4.9.11). Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm, e homem algum é digno de mencionar-te. Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas (cf. Tb 8,7), especialmente o senhor irmão sol, o qual é dia, e por ele nos iluminas. E ele é belo e radiante com grande esplendor, de ti, Altíssimo, traz o significado. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas (cf. Sl 148,3), no céu as formaste claras e preciosas e belas. Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, e pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno e por todo tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água (cf. Sl 148,4.5), que é muito útil e humilde e preciosa e casta. Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo (cf. Dn 3,66) pelo qual iluminas a noite (cf. Sl 77,14), e ele é belo e agradável e robusto e forte. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra (cf. Dn 3,74), que nos sustenta e governa e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas (cf. Sl 103,13.14) (Cnt 1-9)¹⁰.

Seu cântico mostra como seu entendimento da realidade era precioso, pois não acabava naquilo que lhe era apresentado, ele via que aquilo que chegava até ele era apenas algo que remetia a uma realidade muito maior, no caso a Criação. A vivência deixa de ser uma sucessão de acontecimentos e momentos únicos passam a fazer parte da realidade em que o indivíduo está inserido. Sai do eu subjetivo e engloba o todo, a vida.

¹⁰ FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014, p. 104-105

3.2 OS FRANCISCANÓLOGOS

Este é o aspecto que faz com que Francisco seja um grande educador: saber entender-se parte integrante da realidade. “Contudo, é importante ressaltar que foi a altíssima humildade de Francisco que lhe abriu a inteligência, os olhos, a boca e o coração e o fez sentir próximo e irmão de todas as criaturas” (MANNES, 2021, p. 38).

Sem essa humildade, não haveria sequer a abertura para algo novo, muito menos para essa cosmovisão agradecida que é marca principal do Santo Assisiense. Esse último passo só consegue ser dado por alguém que se reconhece necessitado daquilo que lhe cerca. Isso não pode jamais ser alcançado pela forma atual de ensino, pois:

De mais a mais, é necessário que se diga que há uma diferença fundamental entre a cosmovisão propriamente franciscana e a mentalidade moderna. Enquanto o modo de ser de Francisco diante da criação era o de estar junto das coisas, como alguém que se sente em casa rodeado de realidades que conhece, cultiva e ama, o modo de ser do moderno é aquele que a ciência ensina, isto é, que as realidades são desmontáveis e que se pode conhecer seu interior para dominá-las e explorá-las em proveito próprio. Por isso a atitude do homem contemporâneo é sempre de alguém que está acima das realidades, nunca junto ou ao lado delas. Em consequência, ele não cria laços de empatia ou simpatia com elas, porque sempre visa tirar delas o máximo proveito. Na base desses relacionamentos existe sempre um interesse, visa-se obter algum lucro. A atitude de Francisco diante das realidades criadas é quase sagrada; por essa razão nunca está acima delas, mas sempre junto delas e com elas, como irmãos na mesma casa. Por causa disso encontrou o absoluto da vida e das coisas e podia então cantar e celebrar a grande festa cósmica. (BERNARDI, 2003, p. 42-43)

Colocar-se ao lado. Eis o diferencial franciscano. Diferentemente da visão hodierna interesseira, Francisco não procurava benefícios que poderia tirar da realidade. Frei Orlando afirma:

Francisco, que se despojara completamente de qualquer desejo de acúmulo ou de consumo, descobriu o universo como dom e graça divinos. Desse mirante podia contemplar e gozar, em plenitude, a beleza, a ternura e a singeleza das criaturas e celebrá-las pelo canto, a poesia e a festa. A própria vida foi percebida e vivida como graça, como dom gratuito e por isso a cumulou de simpatia, cortesia e amabilidade. (BERNARDI, 2003, p. 71)

E, a partir desse reconhecimento da vida como graça e dom, percebia que a unidade do cosmos ia muito além do que a sua imaginação poderia ter projetado. Ao observar as entrelinhas da realidade percebe uma dimensão muito maior em cada uma das criaturas. Frei Agostinho afirma que:

Todo o Cântico é um vibrar de gratidão. A grandeza, porém, dessa gratidão não resulta só dos benefícios que as criaturas proporcionam ao homem, mas do fato de sobre elas se projetar o fulgor do Dom maior que Deus nos fez: o Dom do seu próprio Filho. Outra nota ainda: o realismo otimista que ilumina todas as criaturas. Estas são preciosas e belas, não em virtude de qualquer simbolismo misterioso, mas simplesmente de serem o que são: sol, estrelas, água, terra, fogo, etc. (PICCOLO, 2005, p. 64)

Uma dignidade intrínseca, que não precisa ser estabelecido com relação a visão interesseira do homem. As coisas são o que são e tem sua dignidade por isso. O homem é apenas mais um, com sua devida dignidade, imerso nessa imensa realidade que se lhe apresenta a cada instante como possibilidade de aprendizado.

3.3 CONTRIBUIÇÃO DE FREI HERMÓGENES

Frei Harada entende este último passo como “uma percepção nítida, clara do sentido de todas as coisas. Você adquire o olhar muito penetrante e clarividente. Você por assim dizer vê as diferentes camadas das coisas e das intenções” (HARADA, 2009a, p. 32). Ou seja, há uma amplidão no olhar, não se fica apenas no concreto e aparente, mas vai para o seu real sentido e significado. Sobre isto ele ainda afirma:

Criar um olho, um ouvido, um coração que só registre os ecos da Realidade. Que os outros pensem de mim o que quiserem. Cuidar só de uma coisa: de manter-me sempre mais na sensibilidade para o essencial. Não me incomodar com o som falso, oco, inflado, venha ele de onde vier. Mas, estar à cata do som que repercute. (HARADA, 2009a, p. 140)

Com essa nova percepção e busca de formar-se, o ser humano se abre para a realidade que se lhe apresenta com outra perspectiva. Não se busca mais observar objetivamente a realidade, mas busca-se ir para a sua possibilidade e sua contribuição enquanto parte integrante do ser humano. Diante disso a leitura da vida se torna completamente outra, como afirma Hermógenes:

Essa orientação não se dirige à constituição desse nosso mundo, mas nos faz auscultar e observar atentamente, no per- meio dessas coisas já constituídas como nosso ser, uma doação, que nos vem ao encontro e nos afeta, como mistério de um dom inteiramente gratuito, que nos possibilita e sustenta todo o nosso empenho. Quem inclina todo o empenho do seu ser a essa orientação se torna um inter - leto, um modo de ser feito todo ouvido de acolhida e obediência ao toque da graça, que lhe vem ao encontro, vitalizando-o a partir de uma realidade anterior, maior, mais radical do que todo o seu ser. (HARADA, 2009b, p. 59)

Como afirmado, essa busca é algo constante e deve ter iniciativa da própria pessoa. Ninguém poderá fazer isso por ela. Ela mesma, movida por seu interesse e busca de formação e aprendizado se coloca na disposição da gratuidade que se revela na integralização da identidade. Afirma Harada:

São obrigações e imposições que não vêm de fora, vêm de dentro de mim mesmo, vêm da interioridade, vêm do núcleo daquilo que há de mais nobre, mais caro e melhor de mim mesmo, da vontade boa, forte, clarividente e generosa do querer amar, absolutamente, infinitamente. É, portanto, o trabalho da minha liberdade, o trabalho da liberação da dinâmica do meu amar. [...] Essa dinâmica da liberação da energia de busca, do querer, do amar, se chama doação, engajamento, dar-se a uma causa, abrir-se a um encontro [...], mas sim no sentido de doar-se para amar, conceber, cuidar, liberar, fazer nascer o que cresce na identidade de si mesmo, i.é: deixar ser. (HARADA, 2009b, p. 45 - 46)

Sendo assim, esse itinerário consiste em, autônoma e autenticamente, se colocar na busca de todas as possibilidades que se lhe apresentam e desta forma ver o que pode ser colhido de cada uma delas. “Pensar em todas essas acepções significa, portanto, a disposição de serenidade atenta e cheia de diligente cuidado para acolher e deixar ser o sentir cordial e obediente ao *ductus* da possibilidade de ser” (HARADA, 2009c, p.196).

E na acolhida dessa maneira de ser totalmente nova e integral pode-se entender cada vez mais a participação do indivíduo no todo. Essa acolhida da realidade que se doa completamente e a cada momento é de fato o aprender, é o formar-se é o viver, como afirma Harada:

Tudo no ser humano é um erguer-se a si mesmo e nesse movimento constituir-se como ele mesmo. Nada no homem é ocorrência, nada nele é simplesmente dado, nenhum momento nele e dele é fato, mas sempre e cada vez de novo um ter que ser. [...] Isto é, em todo nosso empenho humano, o homem se dobra, se curva e nesse encurvamento, nessa dobra, se partilha a si, se participa de si, se dá, se outorga, se concede, e se confere a si mesmo e se recebe a si mesmo como sua parte em uso. (HARADA, 2009b, p. 133-134)

CONCLUSÃO

Frente ao itinerário apresentado, conclui-se que há uma grande necessidade de ressignificação do porquê se estudar. Uma purificação de motivações faz com que se entenda o estudo “livresco”, meramente acadêmico, como grande risco para toda pessoa humana que busca formar-se de fato, uma vez que exclui o empenho de busca da verdade no interesse e no exercício concreto no e do existir. Sendo essa possibilidade do perfazer-se algo que escapa ao conteúdo, não se trata de representações abstratas encapsuladas em métodos e modelos, mas de captação do essencial, da sua articulação de sentido que a cada momento possibilita à vida erigir-se e dirigir-se à sua plenitude e realização.

Movido pelo espírito de oração e devoção, o ser humano abre-se à vitalidade, fruto da elevação da mente para Deus que o faz compreender aquilo que é chamado a ser. Tal compreensão não se dá indiretamente mediante palavras, mas diretamente, mediante o operar: o fazer obra, isto é, o consumir possibilidades de ser em ações e realizações. Frente a tal realidade, a vida se torna aprendizado, pois durante seu percurso o ser humano vai se moldando e deixando-se moldar pelas diferentes perspectivas e virtudes que sê-lhe são apresentadas. Pela liberdade, colocar-se nessa dinâmica de existência assumindo o horizonte de possibilidades que a cada instante se desponta em frente ao eu, é conquistar esse sentido de pertença do si próprio e do seu formar-se.

Desta maneira, pode-se entender a pedagogia franciscana como esse empenhar-se em perfazer seu próprio ser na experiência fática da vida, nesta dinâmica da experiência e da existência, em que, se é confrontado em referência ao próprio ser. A verdadeira pedagogia consiste no empenho de ser, de devir, na existência frente à liberdade de vir a ser si mesmo, de tornar-se o que se é, de agarrar possibilidades de ser, deixando-se formar, crescendo e amadurecendo-se nelas, de modo a que as possibilidades vão se tornando necessidades e a maturação, nisso e disso, vai dando uma realização singular na qual o singular tem o sentido de um universal concreto, ou seja, a Criação.

Assim, Francisco se destaca como educador justamente por fazer de sua vida um itinerário formativo que tem como base a própria realidade que se vive como material de estudo nesse constante perfazer-se. Incluindo também os iletrados, essa maneira de ensino não se baseia em conteúdos de teses, mas:

O franciscanismo supõe então que quem queira conhecê-lo ou interpretá-lo se disponha a ser criativo. De fato, Francisco promoveu uma cultura e uma espiritualidade que não são imitação ou interpretação, mas se fundamentam na existência e essa é por natureza aberta e criativa. [...] A cultura e a espiritualidade como cosmovisões humanas se originam da experiência, da

educação, do meio ambiente e da história de um povo. Por meio delas um povo entende, sente, constrói, valoriza e interpreta os dados da realidade. Apesar de ter sua origem no passado, o franciscanismo conserva ainda um vigor e uma atualidade tão fortes que possibilitam o nascimento de novos e criativos paradigmas de convivência humana. (BERNARDI, 2003, p. 67-68)

Faz-se, dessa maneira, aspecto singular e necessário a abertura para essa realidade que se apresenta a cada instante como possibilidade de aprendizado, pois somente com essa humildade e deixando de lado todo o pré-conceito sobre aquilo, é que se pode perceber que a cada momento se é chamado a fazer parte dessa integralidade que é a Criação. Deve-se educar os sentidos, como afirma Harada, para esse novo horizonte de perspectivas que se abre no perfazer-se. “Afiml, educar franciscanamente não é apenas um método de transmissão de informações, mas uma plataforma fundamental e privilegiada para formar pessoas integras e integrais” (MANNES, 2021, p. 13). E tal visão de integralidade como humildade de se saber inteiro necessitado de construção, pois nunca se estará completamente concluído, dado, mas completamente em busca de si mesmo.

REFERÊNCIAS

- BENARDI, O. **Francisco de Assis**: um caminho para a educação. Bragança Paulista: Edusf, 2003.
- FONTES Franciscanas e Clarianas (FFC). Trad. Celso Márcio Teixeira. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GASSET, J. O. Meio século de filosofia. Trad. Alan Müller. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 3, p. 344-349, dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2019v25n3.13>
- HAN, B.-C. **No enxame**: perspectivas do digital. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HARADA, H. **Da fidelidade do pensamento**: fragmentos de um diário. Porto Alegre: D. Fassini, 2009a.
- HARADA, H. **De estudo, anotações obsoletas**: a busca da identidade humana e franciscana. Petrópolis: Vozes, 2009b.
- HARADA, H. **Em comentando I Fioretti**: reflexões franciscanas intempestivas. Bragança Paulista: Edusf, 2003.
- HARADA, H. **Iniciação à filosofia**: exercícios, ensaios e anotações de um principiante amador. Teresópolis: Daimon, 2009c.
- MANNES, J. **Experiência e pensamento franciscano**: aurora de uma nova civilização. Petrópolis: Vozes, 2021.
- PICCOLO, A. S. **Francisco de Assis**: por uma pedagogia humanista. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.